

Vamos Dançar? A Dança de Salão como experiência de empoderamento na Terceira Idade

Autoria

Fábio Francisco de Araujo - fabiofdearaujo@gmail.com

Instituto de Nutrição Josué de Castro/UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

ELISA MARIA COSTA NOGUEIRA - elisamcn@gmail.com

Mestr e Dout em Admin de Empresas/IAG-A Esc de Negócios da PUC-Rio - IAG/PUC-Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo buscou investigar como os espaços de serviços de dança de salão podem representar um facilitador para que o público de mais idade experimente suas capacidades e desenvolva competências. Pesquisadores têm observado que a noção de envelhecer pode ser vista como uma fase da vida aberta a novas experiências. As atividades de lazer podem servir como espaços para desenvolver e aperfeiçoar capacidades. A pesquisa utilizou a perspectiva etnográfica, realizando a observação participante e entrevistas em profundidade, adequados à natureza do fenômeno investigado. Escolheu-se, para a realização do trabalho de campo, um grupo de dança de salão de Terceira Idade que se reúne em uma escola de dança. A observação participante durou seis meses e permitiu que fossem realizadas entrevistas informais com participantes, registradas em diário de campo, além do uso de fotografias. Ao final da observação, foram realizadas 16 entrevistas em profundidade, gravadas e transcritas. A análise de dados seguiu a técnica da análise do conteúdo. Quatro diferentes categorias de significados emergiram do trabalho de campo: (1) envelhecimento ativo; (2) empoderamento; (3) amizade; (4) exercitação corporal. Verificou-se elementos importantes nesta experiência de lazer que contribuem aos idosos participantes terem a percepção de competência e de sensação de controle.



Vamos Dançar? A Dança de Salão como experiência de empoderamento na Terceira Idade

Resumo

Este artigo buscou investigar como os espaços de serviços de dança de salão podem representar um facilitador para que o público de mais idade experimente suas capacidades e desenvolva competências. Pesquisadores têm observado que a noção de envelhecer pode ser vista como uma fase da vida aberta a novas experiências. As atividades de lazer podem servir como espaços para desenvolver e aperfeiçoar capacidades. A pesquisa utilizou a perspectiva etnográfica, realizando a observação participante e entrevistas em profundidade, adequados à natureza do fenômeno investigado. Escolheu-se, para a realização do trabalho de campo, um grupo de dança de salão de Terceira Idade que se reúne em uma escola de dança. A observação participante durou seis meses e permitiu que fossem realizadas entrevistas informais com participantes, registradas em diário de campo, além do uso de fotografias. Ao final da observação, foram realizadas 16 entrevistas em profundidade, gravadas e transcritas. A análise de dados seguiu a técnica da análise do conteúdo. Quatro diferentes categorias de significados emergiram do trabalho de campo: (1) envelhecimento ativo; (2) empoderamento; (3) amizade; (4) exercitação corporal. Verificou-se elementos importantes nesta experiência de lazer que contribuem aos idosos participantes terem a percepção de competência e de sensação de controle.

Introdução

Serviços voltados para atividades de lazer são responsáveis por criarem experiências nas quais o consumidor interage em um determinado espaço físico com outros consumidores e produtores dos serviços, podendo envolver produtos ou não (Zeithman, Bitner & Gremler, 2009). Esses tipos de serviços geralmente carregam um componente hedônico (Holbrook & Hirschman, 1982), podem assumir diferentes formatos tais como eventos esportivos, competições de dança, eventos midiáticos, entre outros mais e tendem a girar em torno de algum objetivo no qual o consumidor desempenha um determinado papel (Deighton, 1992). Sendo cada vez mais frequentes, estas experiências têm sido objeto de vários estudos acadêmicos na área de consumo (Arnold & Price, 1993; Bennett, 2018; Brown, 2007; Klaus & Maklan, 2011; Kozinets, Sherry, Storm, Duhachek, Nuttavuthisit, & Deberry-Spence, 2004; Ryu & Heo, 2018; Schmitt, Brakus & Zarantonello, 2014, 2015; Tumbat & Belk, 2011; Üstüner & Thompson, 2012; Yuksel, Milne e Miller, 2016). Vargo e Lusch (2004) destacam a importância dos serviços para gestão de marketing no mercado e no consumo, pontuando o papel do consumidor como coprodutor do serviço. Este tem atuação ativa e envolvente, transforma o que encontra e, ao mesmo tempo, é transformado na experiência.

Uma forma de transformação que o consumidor pode vivenciar nestas experiências e que tem sido estudada na área do comportamento do consumidor é empoderamento (Üstüner & Thompson, 2012; Thompson & Üstüner, 2015). Este conceito recebeu diferentes definições, dependendo da área de aplicação (Perkins & Zimmerman, 1995). Porém, uma que adequa-se para os estudos de consumo e que tem sido adotada é a de Thomas e Velthouse (1990) que o definem como sendo o processo que leva à experiência de poder. Ademais, Menon (2001) destaca que percepção de controle, de competência, e uso de poder direcionado para atingir um objetivo são condições básicas para viabilizar o empoderamento.

Uma das áreas de aplicação do conceito de empoderamento é em estudos sobre a Terceira Idade (Dionigi, 2006; Devide & Votre, 2000; Dionigi, Horton & Baker, 2010). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), esta inicia-se a partir dos 60 anos, período em que indivíduos tendem a passar por várias mudanças em diferentes áreas da vida, tais como biológica, social, psicológica, jurídica e econômica. Estas mudanças tendem a afetar

(negativamente) as capacidades físicas, mentais e emocionais (Guerra & Caldas, 2010), provocando reflexos na percepção de autonomia e independência dessas pessoas.

Este tema mostra-se relevante na medida em que as condições demográficas no Brasil apontam para o envelhecimento significativo da população nos próximos anos. De acordo com o IBGE, calcula-se que em 2050 serão mais de 65 milhões de idosos com mais de 60 anos, representando 30% da população. Atualmente, este percentual está em 13,5%. Com isto, mais do que nunca há uma preocupação das autoridades públicas em fazer com que a Terceira Idade seja uma fase da vida em que as pessoas continuem ativas na sociedade. Práticas e políticas públicas que estimulem a participação ativa dos idosos na sociedade, em experiências de empoderamento, podem contribuir para aumentar a qualidade e a expectativa de vida saudável. Uma dessas experiências pode ser a atividade física. Estudos na área esportiva, mostram que é possível que idosos resgatem sensação de poder em função dos benefícios físicos e psicossociais envolvidos (Breheny & Stephens, 2017; Dionigi, 2006, Devide & Votre, 2000; Dionigi, Horton & Baker, 2010).

É possível que atividades de lazer como a prática de dançar permitam ao público da Terceira Idade o resgate da noção de capacidade e de controle. Isto porque a dança, no lado físico, é uma atividade corporal, que estimula e desenvolve a cognição. No lado emocional, por desenvolver-se em espaços de convívio social, a dança estimula interações entre pessoas, sobretudo em situações em pares tais como nas danças de salão. Permite assim desenvolver habilidades de relacionamento tanto entre os pares (Brown, 2007) como também mais sutilmente com o público espectador, por conseguir comunicar emocionalmente com este (Warbuton, 2011).

Este artigo tem por objetivo entender como os espaços de serviços de dança de salão no Rio de Janeiro podem ser um facilitador para que o público de mais idade experimente suas capacidades e desenvolva competências. Adota-se para esse objetivo a perspectiva de consumo de uma atividade que pode ser utilizada para criar um produto de lazer e de turismo, notadamente para o consumidor de mais idade. Este produto de lazer e de turismo poderá ser um meio pelo qual este público não somente irá redefinir os conceitos atrelados a noção de envelhecer como também será um espaço dedicado para desenvolver e aperfeiçoar capacidades, resultando numa experiência de empoderamento.

O trabalho segue uma linha epistemológica interpretativista. Escolheu-se, para a realização do trabalho de campo, um grupo de dança de salão de Terceira Idade que se reúne na escola de dança Dalal Achcar, no Rio de Janeiro. Este tipo de atividade tem crescido nos últimos anos no país e em particular na cidade do Rio de Janeiro. Com a população da Terceira Idade tornando-se mais significativa, vários bailes e escolas de danças especializadas têm surgido pela cidade. Embora pessoas de qualquer idade possam praticar este tipo de lazer, observa-se que é uma atividade que atrai especialmente ao público de mais idade.

Espaços de serviços

Serviços são todas as atividades em que o resultado final não se resume a um produto, geralmente é consumido no momento em que é produzido e há alguma forma de valor adicionado, como conveniência, conforto, saúde ou outros (Zeithman, Bitner & Gremler, 2009). A característica mais marcante do serviço é ser intangível, pois são atos, ações ou performances que acontecem no ambiente de serviço. Outra característica inerente é que a produção e o consumo do serviço ocorrem simultaneamente. Em decorrência disso, os provedores dos serviços executam as suas ações aos olhos do consumidor, sendo que este pode participar ou não. No caso em que os consumidores participam do serviço, eles interagem diretamente com os funcionários e são considerados co-criadores do serviço. Por exemplo, nos serviços de dança de salão, os instrutores de dança são os funcionários da empresa e os dançarinos, os consumidores. Ambos participam ativamente da produção e do resultado final.

Para Pine e Gilmore (1998), quando a empresa usa intencionalmente o ambiente de serviço como palco para apresentar seus produtos de modo a envolver o consumidor numa experiência memorável, diz-se que o serviço oferecido se transforma numa experiência para o consumidor. Esta “experiência” é de caráter individual, pois depende do envolvimento emocional de cada indivíduo ao longo da prestação do serviço (CARÜ e COVA, 2003). Quando as emoções e os sentimentos estão envolvidos na experiência, tem-se o denominado consumo hedônico (Holbrook & Hirschmann, 1982).

Nos serviços de dança de salão, as experiências do serviço são em forma de aulas ou em bailes, nas quais se perpassam valores hedônicos e provocam transformações no comportamento. Para Alves (2003), em sua pesquisa sobre “bailes da Terceira Idade”, os serviços de prática de dança de salão se configuraram como espaços de representação e de produção de uma experiência contemporânea, ao dar visibilidade aos corpos das mulheres de mais idade, resgatando a capacidade de sedução. Para Kelly (2011), ao investigar sobre os valores pessoais de idosos envolvidos na atividade de dança, independência e liberdade emergiram entre os participantes, além de busca por novas amizades e por sensações de bem-estar, alegria e ânimo. Esses estudos mostram que espaços de serviços de dança de salão podem criar valores aos consumidores que vão muito além do simples aprendizado de passos de dança, ao provocarem respostas emocionais e de humor que podem modificar suas percepções quanto à Terceira Idade.

Empoderamento

O conceito de empoderamento tem sido objeto de estudo em diferentes áreas de pesquisa tais como nas Organizações, na Psicologia, nas Ciências Sociais, na área de Saúde e no Marketing de Serviços. Com isto, diversas interpretações e definições foram sendo construídas, variando de acordo com cada contexto. Se por um lado, isto reforça a relevância e abrangência do fenômeno de empoderamento, por outro, a decorrente variedade de definições implica, de certo modo, numa certa dificuldade em analisá-lo e compreendê-lo de uma forma global.

Na perspectiva organizacional, empoderamento é definido como delegação de poder para subordinados (Conger & Kanungo, 1988). O empoderar na liderança organizacional enfatiza a ação de ceder, delegar ou dividir. Parte-se daqueles que detém o poder, como chefes e líderes. Na perspectiva motivacional, Conger et al (1988) o interpretam como sendo um processo de elevar os sentimentos de auto-eficácia. Explicam que ou as crenças do indivíduo a respeito de sua auto-eficácia são reforçadas, ou as crenças em relação ao baixo poder são enfraquecidas. Diferentemente da perspectiva organizacional em que o empoderamento de um indivíduo parte da ação de outro, o empoderamento surge do próprio indivíduo. Já Rappaport (1983) explica que empoderamento é um construto que relaciona os conceitos: competência individual, força, comportamentos pró-ativos, política e mudança social. Assim, Rappaport (1983) transforma empoderamento num conceito multi-dimensional, abrangendo tanto aspectos individuais como sociais. Zimmerman (1995) detém-se especificamente à dimensão individual, no qual o define como sendo empoderamento psicológico.

Para Rappaport (1983), competência e habilidades podem ser adquiridas por meio de experiências de vida tanto em áreas de trabalho como em áreas de lazer ou de consumo. Ademais, experiências em ambientes virtuais podem igualmente aumentar as habilidades e competências dos indivíduos. Por exemplo, mídias sociais são consideradas ferramentas que empoderam o consumidor (Jayanti & Singh, 2010; Patino et al, 2012) por promoverem a interação social e a sensação de controle. Em recente estudo, Yuksel, Milne e Miller (2016) ampliam o conceito de empoderamento definindo-o como o resultado do consumo de produtos, serviços e práticas que expandem a liberdade e o controle dos consumidores sobre a escolha e ação a fim de moldar suas experiências de consumo.

Considerando os espaços de serviços, há alguns estudos na área do Marketing que destacam o papel transformador do empoderamento para valorização do status social. Um deles é a pesquisa de Üstüner e Thompson (2012) realizada em salões de beleza na Turquia. O resultado da pesquisa indica que funcionários do salão, vindos de classe socioeconômica mais baixa, ao passar pelo treinamento de serviço para atender uma clientela afluyente, adquiriam gestos, hábitos e comportamentos (valorizados) compatíveis com a classe mais afluyente. Como subproduto desse aprendizado, notava-se um empoderamento desses funcionários ao entrarem num jogo de status com a clientela, desestabilizando a estrutura socioeconômica vigente. Verifica-se aparente disputa de poder, fazendo com que a prestação desse serviço seja uma oportunidade de empoderamento desses profissionais.

O estudo de Thompson e Üstüner (2015) trata de questões de hierarquia, status, poder e empoderamento em atividade de lazer. Diferentemente do estudo de Üstüner e Thompson (2012), esta pesquisa traz como fator central as questões de gênero e feminilidade na sociedade como antecedentes estruturais de poder. O espaço de serviço, que no caso são os ginásios em que se pratica o esporte “Roller Derby” é o meio pelo qual se formam as ressignificações sobre o que é masculino e feminino. Nesse processo de prática performática, as meninas esportistas se vestem e agem de modo a contestar a norma social estabelecida e “naturalizam” outros comportamentos. Esse processo é tido como uma forma também de “empoderamento” desse grupo de mulheres, e é uma ação segura uma vez que fica limitado ao espaço de prática esportiva. As sucessivas experiências de lazer e consumo por essas mulheres no “Roller Derby” constituem no processo pelo qual esse grupo alcança meios de mostrar habilidades e competências para se equiparar a outros grupos na sociedade.

Há também estudos que conectam empoderamento e envelhecimento. Schwiebert (1994) destaca o empoderamento como estratégia a ser usada para ajudar os indivíduos a enfrentarem os desafios do envelhecimento. As sensações de controle e de poder sobre a própria vida são adquiridas ao longo do processo de empoderamento. Competências também são desenvolvidas (Schwiebert, 1994). A prática de atividades físicas por pessoas de mais idade pode viabilizar a experiência de empoderamento.

Num estudo na Austrália, Dionigi (2006) pesquisou idosos entre 60 e 89 anos e verificou que a prática de exercícios mais intensos por essas pessoas, além de gerar maior envolvimento com a atividade física, permitiu a experimentação de certa forma de poder, visto que essas pessoas passaram a ter maior controle sobre seus corpos e suas vidas e relataram ter momentos de prazer, de orgulho e de realização. Em outro estudo realizado com atletas da Terceira Idade, Dionigi, Horton e Baker (2010) verificaram que há relação entre praticar esporte e resistir ao *status quo* sobre envelhecer. Por meio do esporte competitivo, os atletas idosos vivenciam “empoderamento”, resiliência, adaptabilidade e determinação.

Estes estudos mostram que o empoderamento acontece quando há habilidades e competências que são desenvolvidas durante experiências de consumo de serviços, que podem ou não envolver atividades físicas. Estas experiências conduzem os indivíduos à experimentação de poder. Assim, as definições sobre empoderamento de Rappaport (1983), de Thomas e Venthouse (1990) - processo que leva a experiência de poder - de Menon (2001) - percepção de controle, de competência, e de uso de poder direcionado - e de Yuksel, Milne e Miller (2016) são as que mais se aproximam e se adequam aos estudos de lazer e de consumo. Sendo assim, portanto, as perspectivas dessas pesquisas serão consideradas neste estudo.

Lazer na Terceira Idade

A compreensão das propriedades simbólicas de qualquer prática de consumo passa pelo entendimento dos significados conferidos pelo consumidor ao produto ou serviço (McCracken, 2003). Diversos estudiosos do comportamento de consumo em marketing concordam no

entendimento de que o consumo deve ser abordado como fenômeno cultural e, portanto, em seu caráter simbólico (Arnould e Thompson, 2005; MacInnis e Folkes, 2010).

Barnhart e Peñaloza (2013) defendem que é preciso entender como as pessoas de Terceira Idade realizam suas escolhas de consumo a partir de suas próprias perspectivas e interesses. Ao atingirem idade mais avançada, os consumidores começam a preocupar-se com a utilização de seu tempo e procuram atividades que preencham o tempo livre e que constituam novas experiências. Muitos idosos se dão conta de que há muito para se viver e procuram participar do maior número possível de atividades em seu tempo livre (Doll, 2007).

Estudos mais recentes sugerem que esses consumidores também podem estar mais abertos a experimentar novidades nessa fase da vida, como viagens a lazer (Horneman, Carter, Wei e Ruys, 2002), praticar atividades que permitam mais convivência com amigos, independência da família, aprendizado e auto-realização (Birtwistle e Tsim, 2005; Fox, Roscoe e Feigenbaum, 1984; Myers e Lumbers, 2008). A constatação dessa tendência pode marcar uma nova forma de enxergar os consumidores de Terceira Idade.

Para Muller (1996), essa motivação por atividades de lazer se origina no desejo de “explorar” o mundo. Nesse sentido, Searle et al. (1998) realizaram um estudo para examinar o efeito de longo prazo da educação associada ao lazer no senso de independência e de bem estar psicológico entre os idosos. Os resultados revelam que a educação de lazer tem um potencial para impactar significativamente a manutenção da independência, bem como a sensação de bem estar.

Burnett-Wolle e Godbey (2007) investigaram as relações entre comportamento na Terceira Idade e lazer. Os resultados mostraram que indivíduos mais velhos usavam o lazer para se adaptar às mudanças na vida adulta e às fontes sociais de apoio. O lazer emergiu como um importante caminho para demarcar independência e realizar interação social. A socialização também aparece como valor importante para os idosos no estudo de outros pesquisadores do assunto. Para Barnhart e Peñaloza (2013), o comportamento de consumo do idoso é fortemente impactado pela experiência compartilhada por amigos e pessoas com quem interage. O grupo de referência aparece como fonte relevante para escolhas e decisões de consumo e como alternativa à influência de familiares e de cuidadores, remetendo ao desejo do idoso de realizar suas próprias escolhas de consumo, inclusive de lazer.

Uma das formas de lazer entre os indivíduos de Terceira Idade são os grupos ligados a determinadas atividades, tais como grupos de trabalhos manuais, de dança, de música etc. Doll (2007) destaca que a realização das atividades de lazer depende de tempo livre, condições financeiras, educação, escolaridade e cultura. Segundo o autor, os idosos mais jovens estão mais dispostos a sair de casa e a realizar atividades de lazer em grupo do que os mais velhos, alguns com mais de 80 anos, que preferem, geralmente, ficar em casa assistindo televisão ou ouvindo rádio. Ir aos bailes ou dançar encontravam-se entre os mais desejados tipos de lazer em grupo mencionados.

Como tantas outras esferas da vida, o lazer pode ser visto em sua dimensão simbólica. Para Provonost (2011), uma consideração dos estudos sociológicos sobre lazer mostra que o mesmo se configura “como um domínio secundário da vida humana”, predominando valores relacionados à família, ao trabalho e à educação. No entanto, apesar da posição inferior na hierarquia de valores das sociedades contemporâneas, quando se trata do “domínio da ação”, o lazer se manifesta “como atividade agradável, fortemente valorizada, se não a preferida” (p.31). Lazer é equacionado a “felicidade”, “prazer”, “direito adquirido” e até mesmo visto como “imprescindível” para saúde física e psicológica do idoso.

No que concerne ao lazer por meio da prática de dança, Alves (2003), utilizando observação participante, realizou um estudo voltado para a participação em bailes frequentados por mulheres mais velhas. O objetivo era estudar as relações de gênero em contextos de sociabilidade, analisando diferentes faixas etárias e diferentes classes sociais. A pesquisa

concluiu que o baile implica uma reversão de papéis, em que as mulheres mais velhas pagam homens mais jovens e de classe social mais baixa (dançarinos) para dançar com elas e, por consequência, passam a ter o controle sobre com quem e quando vão dançar. A pesquisadora fez uma leitura do baile como forma de ver e ser visto e como forma de exibir o corpo e recuperar, no envelhecimento, a sedução.

Brown (2007) realizou uma pesquisa cujo objetivo era compreender o envolvimento de longo prazo dos indivíduos que praticam “shag dancing” utilizando-se para isto o suporte teórico de lazer sério de Stebbins (1982). Uns dos principais resultados encontrados foi a importância das amizades criadas e mantidas a longo prazo, em decorrência desse lazer, e a camaradagem adquirida entre os participantes. O envolvimento crescente resultou-se mais de recompensas intrínsecas do que extrínsecas.

Método

O trabalho segue uma linha epistemológica interpretativista, tendo utilizado métodos oriundos da etnografia urbana, em particular a observação participante e as entrevistas em profundidade, que vem sendo crescentemente utilizados na disciplina de marketing (Elliott & Jankel-Elliott, 2003; Denzin & Lincoln, 2000) e se mostraram adequados para atender à natureza do fenômeno investigado. A escolha metodológica considerou a natureza dos estudos relacionados ao lazer, em que o ambiente, as relações, as atividades diretas ou indiretas, o espaço de interação e, sobretudo, os aspectos simbólicos são importantes para o entendimento da questão de pesquisa.

Escolheu-se, para a realização do trabalho de campo, um grupo de dança de salão de Terceira Idade que se reúne na escola de dança Dalal Achcar, no Rio de Janeiro. A observação participante foi realizada por um dos pesquisadores no decorrer de um semestre. A opção por realizar uma pesquisa de inspiração etnográfica possibilitou utilizar diferentes técnicas de coleta de dados, típicas da etnografia, tais como observações, entrevistas informais ou casuais, gravações, fotografias, além de entrevistas em profundidade formais (Elliott & Jankel-Elliott, 2003; Oliveira, 2006).

Os dados coletados no decorrer da observação participante, foram registrados em um diário de campo. Os registros em diário, gravação e fotografia foram feitos sistematicamente a fim de preservar a memória do que ocorreu no campo. Incluíram-se aí a estrutura em que se desenrolavam as atividades de lazer, o desenvolvimento dessas atividades, o comportamento dos praticantes do lazer de Terceira Idade, a composição do lugar, os indivíduos que transitavam no espaço, as conversas casuais e as entrevistas informais. Ao final da observação participante, realizaram-se entrevistas formais, que foram gravadas e posteriormente transcritas. No total, as 16 entrevistas contabilizaram mais de 20 horas de áudio, convertidas em 440 páginas de texto transcrito.

A análise de dados seguiu a técnica da análise do conteúdo (Thompson, 2007; Dolan & Ayland, 2001). A análise sistemática levou à comparação de conceitos presentes na teoria e nos temas que se apresentam nas diferentes entrevistas. Segundo Strauss e Corbin (2008), esse procedimento permite tanto refinar os códigos criados quanto evidenciar diferentes lógicas de comportamento entre os indivíduos entrevistados. A análise fundou-se em etapas que foram se processando gradativamente ao longo do trabalho de campo: (1) desenvolvimento de um conjunto de categorias e temas iniciais; (2) identificação nos diários de campo e nas transcrições de entrevistas de partes descritas no discurso dos informantes correspondentes àquelas categorias; (3) identificação de novas categorias e temas que emergiram do campo; (4) reagrupamento de categorias e temas; (5) nova leitura do diário de campo e das transcrições, incluindo retornos constantes à teoria para cotejar com o resultado das categorias e temas reagrupados; (6) seleção de novos trechos dos discursos dos informantes correspondentes às

novas categorias; (7) nova consulta à teoria conforme emergiram categorias e temas que não tinham sido contemplados inicialmente.

Uma vez definidas as categorias, foi feita uma releitura de cada entrevista, seguindo a lógica “cross-case analysis” (Kohlbacher, 2006), técnica de análise que considera cada entrevista como um caso. A análise comparativa e sistemática permitiu identificar padrões de fenômenos singulares relativos ao fenômeno maior de lazer de dança investigado, fazendo emergir assim as categorias de análise identificadas nesta pesquisa.

Resultados

O objetivo da pesquisa é compreender como os espaços de serviços de dança de salão no Rio de Janeiro podem ser um facilitador para que o público de mais idade experimente suas capacidades e desenvolva suas competências. Buscou-se entender os motivos para aderir ao lazer dança de salão. Os resultados indicaram que não há unanimidade de razões. Poderia-se esperar que, dada a faixa etária, algumas razões fossem determinantes tais como recomendação especializada e busca de atividade física. No entanto, além dessas, muitas outras razões emergiram para escolha ou prática da dança de salão, como criar uma história de vida individual, superar a solidão e descobrir novas perspectivas e significados em relação à vida.

Nesse sentido, as motivações encontradas nesta pesquisa permitiram formar diferentes categorias de análise, a saber: (1) envelhecimento ativo; (2) empoderamento; (3) amizade e; (4) exercitação corporal.

(1) Envelhecimento ativo:

Esta categoria emergiu com força, embora sua importância fosse distinta para uns e outros. De um lado, a dança representa o resgate do prazer em movimentar o próprio corpo, um prazer de que se desfruta solitariamente. De outro, a dança é uma representação para os outros, uma coreografia, que envolve beleza, harmonia, sincronia e domínio do corpo, o que permite ao idoso vivenciar experiências corporais no envelhecimento.

Os entrevistados reconhecem, em geral, que a dança é considerada uma ótima atividade física para a Terceira Idade. Os idosos que já sabiam dançar argumentam que foram buscar uma oportunidade de continuar praticando a dança e reforçam que a decisão está alinhada ao apelo social de que a Terceira Idade deve fazer alguma atividade para se ocupar e exercitar o corpo. Nesse sentido, a prática de aulas de dança de salão por indivíduos de Terceira Idade está fortemente relacionada ao discurso social a respeito dos benefícios que a dança pode gerar aos idosos. Entretanto, como McCracken (1988) observa um determinado prática de consumo pode transcender a racionalidade quando valores culturais começam a nortear os comportamentos. Para o autor, esse fenômeno, dada sua natureza simbólica, ajuda a delinear projeto coletivo que contribui para formação de uma identidade social relacionada ao grupo em questão.

Na prática da dança de salão, por exemplo, um significado importante atribuído à dança de salão refere-se à reconquista do próprio corpo pelos movimentos proporcionados da dança. A questão da relação entre corpo e envelhecimento já foi tratada por Goldenberg (2011), para quem essa relação é um campo muito pouco explorado. Alves (2003) em um estudo sobre relações de gênero em contextos de sociabilidade em bailes urbanos já havia identificado o uso da dança por mulheres mais velhas como forma de exibir o corpo e perceberem-se vivas e aptas para usufruírem de momentos de prazer, tal como também se percebeu no presente estudo.

O espaço favorece a que os indivíduos se apresentem e exibam o corpo em movimento (Alves, 2003). A sensualidade faz parte da dança de salão, pois é próprio da dança representar um “jogo de sedução que permite que homens e mulheres se aproximem” (Souza, 2010, p. 194), mesmo que seja apenas para dançar e executar os passos, estabelecendo um diálogo com o

público. Assim, a dança de salão abre a possibilidade de recuperar e exercer a sedução, fugindo às convenções impostas aos idosos, particularmente às mulheres, e desperta algumas possibilidades de resgate do valor do corpo, tais como tornar-se mais atraente, apresentar-se com sensualidade, exibir-se com postura, encantar e ser encantado por meio da execução de passos de dança:

Eu gosto muito de ver as pessoas dançando, acho bonitos os movimentos sincronizados durante a execução de um passo... Tem muitos que sentem isso como vaidade... [...] Só de uma dama pegar no corpo da gente, nossa... (Alvaro)

Lá, eu notei uma coisa assim, enquanto ensinava, o professor levanta muito a moral da pessoa, ele ensina a pessoa a se valorizar, ensina a mulher a ser sensual... Ele [o professor] falava nas aulas: “Rebola, empina o bumbum, estufa o peito, encolhe a barriga...”. Quando eu comecei a rebolar na aula de dança, eu pensei: “Meu Deus, há quantos anos eu não rebolo!?”. Então, comecei a me soltar e achei uma beleza. E adorei, a minha vida se transformou, a postura. Ele sempre falava, “estica o corpo, se valoriza...”. Acho que me fez muito bem a aula de dança lá. Então, eu ia toda terça e quinta, que era uma festa. (Helena)

Os entrevistados destacaram com entusiasmo que o fato de fazerem parte de um grupo de dança coeso é muito favorável para o aprendizado, fato que contribui significativamente para um bom envelhecimento ativo. É interessante notar que a visão é positiva mesmo com os diversos alunos estando em diferentes etapas da dança, já que alguns dominam vários tipos de dança, enquanto outros são iniciantes. São praticamente unânimes em argumentar que a troca de experiências enriquece o aprendizado, sendo este frequentemente, de mão dupla.

Eu fico bem satisfeita quando aprendo. [...] É muito interessante, é muito bom isso, porque às vezes eu sei determinada coisa e a outra não sabe; aí a outra aprende comigo. E depois vice-versa, eu aprendo com ela. (Lucia)

Além disso, há tanto o aprendizado da dança, quanto o aprendizado social, que transcende a dança, e inclui o aprendizado humano, das diferenças, das experiências de cada um, envolvendo um processo de trocas recíprocas em variados domínios, desde conhecimentos gerais a aspectos do cotidiano como sublinhado por Breheny e Stephens (2017). Esse achado também vai ao encontro do que se verificou no estudo de Searle et al. (1998), no qual se observam que as atividades de lazer têm efeito benéfico para o processo de aprendizagem da Terceira Idade, pois aquilo que aprendem nos momentos de lazer é apreendido com mais facilidade.

(2) Empoderamento:

O empoderamento obtido pela prática da dança de salão aparece em diferentes nuances do discurso dos entrevistados. Uma delas diz respeito ao aprendizado da atividade, também presente nas pesquisas de Üstüner e Thompson (2012) e de Dionigi (2006). Na Terceira Idade o aprendizado é um forte significado de empoderamento, talvez por ser uma metáfora para crescimento e ganhos, contrastando com as perdas da Terceira Idade.

Quando te ensinam os passos diferentes, mas puxados, você sente: “Agora eu aprendi um passo novo!”? Qual a sensação que você tem internamente? Que você é capaz! Porque quando ele vai dando passo a passo, você vê que não é tão difícil. Quando você consegue fazer aqueles passos, é muito bom! (Elza)

Quando você chega numa dança de salão, com seu pouco conhecimento, ou você chega sem domínio, você pensa: “Ah, meu Deus, será que vou conseguir? Será que vai dar certo?!” Aí, vem aquele incentivo dos professores e o incentivo dos colegas. Aquilo te levanta. É um aprendizado! Você pensa: “Vou aprender mais!”. [...] Você consegue dar pequenos passinhos bonitos e pensa: “Meu Deus, estou no caminho certo!” Vou fazer melhor, e fico sempre naquela ansiedade de chegar a outra semana. Muito bom! (Sandro)

Por outro lado, a vaidade é redescoberta, expressando-se por meio de roupas novas, “salto altíssimo” (Aurélia), “vestidos bonitos, saia longa e colares” (Amélia), maquiagem que vai além de “passar um batom”, e toma ares de um ritual de preparação para a dança. As mulheres idosas passam a se sentir mais jovens e bonitas. Os homens se percebem mais requisitados: quanto melhor o dançarino, mais festejado e desejado. Assim, a dança de salão pode assumir o significado de redescoberta do corpo, que, embora envelhecido, ainda é capaz de transmitir beleza, seduzir e gerar admiração entre os que assistem.

Esta categoria inclui significados que remetem a descoberta e superação, desembocando no aumento da autoestima, sensações de poder e de liberdade, fortalecimento do ego e maior cuidado de si mesmo (Ryu & Heo, 2018). É significativo o papel que a dança de salão assume na construção identitária desses idosos. As mudanças podem decorrer da descoberta da dança ou da superação de barreiras construídas no passado. Reforçam a autoestima por meio do empoderamento. A sensação de liberdade pode estar relacionada à descoberta de capacidades, permitindo superar barreiras auto-impostas:

Eu posso dizer que sou outra pessoa agora, depois de anos que eu já estou dançando. Posso dizer que eu sou mais aberta, mais feliz mesmo. [...] Se não estivesse dançando, não teria saído de jeito nenhum. A dança, para mim, foi essa coisa de crescer, de não ter vergonha, de ser livre para sair, de ver que eu estou viva. (Aurélia)

Dançando, eu me sinto forte, graças a Deus. [...] Eu me sinto como se fosse jovem. A pessoa também fica mais bonita. Então, a dança contribui pra você comprar algumas coisas para se apresentar bonitinho. [...]. A dança facilita a você ter mais coragem a se apresentar em público. A mim, ajudou muito. A falar melhor também. (Sérgio)

Helena menciona que a dança “é uma libertação” porque possibilitou “ir tomando consciência de que se pode tudo” e “perder a vergonha”. Vania acredita que “a dança sempre libertou as pessoas” porque dá coragem e permite vencer a inibição. Assim como na pesquisa de Dionigi, Horton e Baker (2010) o praticar do esporte competitivo desafia as barreiras construídas, a dança de salão constrói novas rotinas para seus seguidores, libertando-os das rotinas passadas.

Para alguns, a relação com a dança é mais profunda, emergindo o desejo de ser reconhecido como dançarino, tanto por uma motivação de auto-realização, quanto na busca por reconhecimento externo:

Sabe, [...] a primeira coisa que eu penso: “Ah, eu cheguei a essa idade todinha e eu danço como eu danço”. E as pessoas incentivam também: “ah, vou dançar com fulano!”. Quer dizer, eu penso: “Se eu fosse um jovem hoje, eu iria querer ser dançarino profissional”. Era outra coisa. Para mim, do jeito que eu participo do grupo e tudo. Vou fazer dança de salão em outros lugares no final de semana também. Eu tenho orgulho de mim e eu digo para mim mesmo: “Nossa, meu, com essa idade!”. (Sérgio)

A autoestima está ainda relacionada à independência em realizar suas próprias escolhas. Como observado na pesquisa de Barnhart e Peñaloza (2013), é comum na Terceira Idade que a manifestação de preferências assuma o significado de independência. Os idosos encontram nas

suas escolhas uma forma de reafirmarem seu “eu”, posicionando-se diante dos demais e de si mesmos.

Eu me considero uma mulher bonita e sempre tive um corpinho muito bonito também. Por mais incrível que pareça, fazer a dança foi o que confirmou isso na minha vida. Foi importante para eu me afirmar como pessoa, muita coisa que eu tinha vontade de fazer, que seria o meu natural, se eu não fosse tolhida pela sociedade. Porque eu fui muito reprimida por pai e mãe, quando criança. E depois pelo marido. Tudo que eu falava na frente do meu marido, ele dizia: “Você quer me envergonhar?”. Eu já não sabia mais se podia falar. Entendeu? Então, eu estava muito cerceada. A aula de dança me mostrou a vida. “Você está viva, você está viva. Se estica aí, levanta a cabeça, rebola...”. (Helena)

Meus pais eram muito durões. [...] Eu sempre gostei de um baile, mas meu pai não gostava que a gente fosse ao baile. [...] Depois que eu fiquei viúva, voltei a dançar de novo e não parei mais. [...] Hoje em dia, eu me vejo livre, eu posso fazer isso, até porque eu gosto da dança. Eu me sinto realizada. (Zeni)

Uma das questões que emerge, no caso das mulheres, é que a velhice permite superar os estigmas da condição feminina em uma sociedade tradicional, que desembocam em limitações como não poder cantar, não poder dançar. Trata-se, então, de eliminar o controle exercido por outros (pais, família, marido, filhos, sociedade). Este resultado guarda semelhanças com os da pesquisa de Thompson e Üstüner (2015), pois ambos mostraram que os espaços de serviços de atividades de lazer podem ser ambientes propícios para contestar padrões culturais usualmente aceitos e abrir novas possibilidades, novas capacidades em torno de uma desconhecida liberdade de o idoso se tornar, ainda que tardiamente, dono de seu tempo, de seu corpo e, por extensão, de sua própria vida. As barreiras autoimpostas e as impostas por outros são removidas. Os medos também são afastados. As mulheres de Terceira Idade se descobrem capazes de sair à noite, de fazer viagens, de frequentar outros ambientes e atividades. Descobrem, ou redescobrem, prazeres que lhes foram negados, reafirmam sua independência e reconstróem sua identidade.

(3) Amizade:

A dança de salão é fundamentalmente um espaço de sociabilidade. Justifica-se por ser uma dimensão extremamente relevante na vida do idoso, que desfruta, na maior parte dos casos, de um ócio permanente (Barnhart e Peñaloza, 2013; Burnett-Wolle e Godbey, 2007; Moschis, 2003; Myers e Lumbers, 2008; Zaltzman e Motta, 1996).

A amizade e a interação social são os significados mais importantes dentro desta categoria. A conquista de novas amizades no ambiente de dança aparece como um fator crucial na busca e na manutenção da atividade, resultado este também encontrado na pesquisa de Brown (2007) sobre *shag dancing* ressaltando que a amizade é o principal fator para o envolvimento e comprometimento com a dança à longo prazo.

Na dança de salão, os idosos entrevistados estabelecem vínculos entre si por meio do compartilhamento da atividade. Estes resultados confirmam os de pesquisas anteriores (por exemplo, Moschis, 2003; Myers & Lumbers, 2008; Zaltzman & Motta, 1996; Brown, 2007), que constataram que a população de Terceira Idade vê essa fase da vida como mais favorável à socialização e à construção de amizades.

Fiz muitas amizades. Eu tive uma satisfação muito grande de encontrar essa turma, eu fico pensando de chegar segunda-feira logo para ir à dança de salão. Então, modificou minha vida para melhor. [...] (Lucia)

Mais ainda, as relações construídas por meio da dança se estendem a outros espaços além da academia,.

Essa vivência ajuda a construir relações de amizade. Encontrei amigos ali dentro daquele grupo. A gente sai junto e se encontra, às vezes, em outros lugares. Um dia um falou: “vamos almoçar lá em Niterói no mercado de São Pedro! Comer um peixe”. E fomos embora. Aí, fomos para lá. Comemos todos e rimos muito. (Alberto)

A par dos relacionamentos e amizades, há uma preocupação com os demais, que, por vezes, inexistem no círculo familiar, como observou Aurélia: “Nos bailes, alguém fica preocupado porque você não foi. Mesmo que não seja íntimo”.

A identificação neste estudo de que a construção de relacionamento entre os idosos praticantes da dança de salão representa um espaço para o estabelecimento de laços de amizade estão de acordo com os resultados encontrados na pesquisa de Araujo e Rocha (2016), em que os pesquisadores observaram que as trocas interacionais entre os indivíduos são fundamentais para atividades em grupos de terceira idade. Os autores investigaram como os idosos que frequentavam a seresta Palácio Catete no Rio de Janeiro atribuíam significado à prática deste hábito de lazer. Na pesquisa de Araujo e Rocha (2016), o espaço de sociabilidade foi identificado como um dos elementos principais da experiência, pois vários depoimentos convergiram em ressaltar a importância do encontro musical para construção de relacionamentos de amizade. Em outro estudo, Araujo et al. (2013) destacaram que propostas de atividades que incluam experiências de lazer constituem um legítimo espaço para promoção da troca interacional e da sociabilidade entre os indivíduos. Nesse sentido, as observações permitiram compreender que a amizade integra a prática da dança de salão, contribuindo diretamente com o processo de construção de sentidos que constituem e geram significação à atividade entre os indivíduos estudados nesta pesquisa.

(4) Exercitação corporal:

A busca e a preocupação em alcançar melhor qualidade de vida aparece recorrentemente nas entrevistas. Os entrevistados consideram que a dança é uma excelente atividade física para a Terceira Idade:

Porque a dança provoca o movimento de todas as partes do corpo, não é verdade? Se a pessoa se entregar de verdade, ela está exercitando todas as áreas do corpo. O corpo parece que rejuvenesce, os movimentos ficam mais soltos. Isso ajuda o idoso, como eu, a sair das quatro paredes para participar e mudar a sua própria vida. (Leone)

Os indivíduos de Terceira Idade entrevistados sentem orgulho em se identificar como idosos que dançam. Não se trata, aqui, de ser um dançarino, mas sim de ser um indivíduo ativo que pratica uma atividade que ajuda a movimentar o corpo, participando de um grupo de idosos com os mesmos interesses. Lucia e Vania criticam idosos que não fazem atividades físicas:

Eu observo outras idosas que não querem saber, ficam em casa e ficam vendo televisão. [...] Eu não conheço outra atividade que seja tão boa para a Terceira Idade. [...] Que eu conheça, só a dança permite unir tantos benefícios. Mas, a maioria está parada. Na minha idade, com 80 anos, é tudo parado. (Lucia)

Os informantes destacam que, além dos benefícios da atividade física, a dança de salão contribui para a saúde mental dos idosos, pois enquanto se exercitam fisicamente com a prática da dança propriamente dita, precisam memorizar os passos para executar a dança:

Ajuda a concentração naquilo que você está fazendo e coisa e tal. No movimento, você está usando a mente. O mental é importante para aprender a executar os passos que são ensinados. [...] Você vai relaxar e isso vai ajudar a cabeça a funcionar melhor. (Elias)

A dança de salão trabalha muito o corpo, eu me sinto fisicamente mais flexível depois que comecei a dançar com regularidade. Antes eu era totalmente travada, dura. [...] Existe um exercício mental. E aí você tem que ficar pensando. [...] Às vezes, você pára e pensa: “como que é aquela dança mesmo? Como que é aquele passo que ela deu?” Assim, você já está trabalhando a mente. (Margarida)

Lucia, por exemplo, informou que precisava fazer uma atividade física, mas não gosta de ginástica, e encontrou nas aulas de dança de salão uma oportunidade de se exercitar de forma prazerosa. Como benefício extra, ela sustenta que a dança ajudou a trabalhar sua memória, pois se percebia muito esquecida, tendo agora mais foco e atenção. Ela reforça o discurso dos benefícios da dança tanto do ponto de vista físico quanto do ponto de vista mental, exemplificando tais benefícios a partir de sua própria experiência.

Alguns depoimentos sugerem ainda que a prática da dança se associa à ideia de praticar uma atividade que ajuda o idoso a se sentir jovem, como no caso de Sérgio, que se sente mais forte, não se percebe cansado e se sente “como se fosse jovem”. No mesmo sentido, Margarida diz perceber que com a prática da dança as pessoas tendem a ficar com uma aparência mais leve. Ela se percebe mais bonita, sentindo-se mais jovem “como se esquecesse da idade que tem”. Tais depoimentos remetem ao autoconceito de juventude, no qual a idade percebida diverge da idade real (Solomon, 2011). Desta forma, segundo Moschis (2003), os idosos preferem relacionar as atividades de consumo àquilo que transmite a ideia de juventude.

Por fim, para Vania, a dança contribui ainda para o desenvolvimento espiritual, sendo “boa para a alma”. Assim, a prática da dança de salão representa, para o grupo estudado, uma oportunidade de investimento em saúde física e mental, corroborando estudos anteriores (Myers e Lumbers, 2008; Nam et al., 2007; Zaltzman e Motta, 1996). Ainda que os benefícios possam se constituir em ganhos reais, a prática da dança de salão permite ao idoso representar-se como indivíduo ativo, distinguindo-se assim dos que não a praticam.

Considerações Finais

Warbuton (2011) destacou em sua pesquisa sobre significados da dança e dos movimentos que dançar pode ser uma forma de transformação. Nesta presente pesquisa, a dança de salão ofereceu uma oportunidade de transformação nas vidas dos participantes. De um lado, permitiu a superação de barreiras existentes, muitas vezes, autoimpostas, e do outro, ofereceu liberdade, fruto das descobertas inerentes ao processo de movimentação do corpo. A transformação, nesta pesquisa, é consequência do empoderamento desses praticantes que passam a desfrutar de sensação de controle e de competência enquanto se envolvem na sequência dos passos de dança. De fato, observou-se que há dois elementos importantes nesta experiência que contribuem para este resultado: o aprendizado e o próprio espaço de dança.

A dança oferece aprendizado pelo movimento do corpo. É um aprendizado que se constrói na ação, no ato de dançar e no ato de “marcar” ou dividir os passos em intervalos de tempo, ferramenta útil para a memorização (Warbuton, 2011). A dança exige, muitas vezes, respostas rápidas e contínuas do corpo, num processo que o leva a adaptar-se no espaço

(Warbuton, 2011). É por meio do aprendizado que a sensação do controle do corpo e do movimento é conquistada, sensações que geram como resultado o aumento da autoestima.

O espaço de dança é outro elemento que propicia uma experiência de empoderamento. É nele que se formam as amizades, muitas vezes duradouras, que os passos são aprendidos e o corpo exercitado. Mas, é nele também que o corpo é exibido, o prazer é permitido, e a sensualidade redescoberta é apresentada para os que assistem. Acima de tudo, o espaço para a prática de dança de salão cria oportunidades para o envelhecimento ativo e para conquista de novos desafios. São espaços que permitem aos participantes da terceira idade exercer poder, tomando posse de suas vidas, os fazendo agir de modo que não seria possível em outros ambientes sociais.

Os resultados dessa pesquisa podem contribuir com alguns *insights* para agentes da área de serviços e de turismo em relação à atividade de dança de salão. Em primeiro lugar, o foco principal da atividade deve ser a técnica de aprendizado da dança de salão. Esta deve ser cuidadosamente elaborada a fim de não desestimular o participante da terceira idade, deve-se estar atento às barreiras possíveis vividas por esse grupo e permitir que a dança seja o instrumento de empoderamento. Requer-se que profissionais de dança de salão devam ser experientes e bem treinados para atender a esse público. Em segundo lugar, deve-se estimular a interação com outros participantes e com o público, criando oportunidades de encontros até mesmo fora do ambiente de serviço, como viagens cujo destino sejam outros espaços de dança de salão em outras localidades, bem como estimular outros estilos de dança. Por fim, deve-se considerar que o espaço de serviço pode se tornar no *locus* principal da transformação, onde ocorre o empoderamento. Deve ser um espaço que permite aos idosos ter uma experiência de consumo envolvente não somente com a dança em si como também com os parceiros e amigos da dança de salão. Nesse sentido, essa atividade de lazer emerge como um espaço que permite alcançar um novo olhar sobre o envelhecer.

Referências:

- Alves, A.M. (2003). Fazendo antropologia no baile: uma discussão sobre observação participante. In: Velho, G. & Kuschner, K. (org.) *Pesquisas urbanas: desafio do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003 (pp.174-189).
- Araujo, F.F.; Rocha, A.; Chauvel, M.A.; Schulze, M.F. (2013). Meanings of leisure among young consumers of a Rio de Janeiro low-income community. *Leisure Studies*, 32 (3), p.319-332.
- Araujo, F. F.; Rocha, A. (2016). Significados Atribuídos ao Lazer na Terceira Idade: Observação Participante em Encontros Musicais. *Podium: Sport, Leisure and Tourism Review*, 5 (2), p.38-55.
- Arnould, E. J., & Price, L. L. (1993) River Magic: Extraordinary Experience and the Extended Service Encounter. *Journal of Consumer Research*, vol.20, p.24-45.
- Arnould, E. & Thompson, C.J. (2005). Consumer Culture Theory (CCT): Twenty years of research. *Journal of Consumer Research*, 31, p.868-882.
- Barnhart, M. & Peñaloza, L. (2013). Who are you calling old? Negotiating old age identity in the elderly consumption ensemble. *Journal of Consumer Research*, 39(6), 1133-1153.
- Beckingham, A.C. & Watt, S. (1995). Daring to Grow Old: Lessons in Healthy Aging and Empowerment. *Education Gerontology*, n.21, p. 479-495.
- Bennett, A. (2018). Popular music scene and aging bodies. *Journal of Aging Studies*, 45, p.49-53.

- Birtwistle, G.; & Tsim, C. (2005) Consumer Purchasing Behavior: An Investigation of the UK Mature Women's Clothing Market. *Journal of Consumer Behavior*, v.4, n.6, p.453-464.
- Breheny, M., & Stephens, C. (2017). Spending time: the discursive construction of leisure in later life. *Annals of Leisure Research*, 20 (1), p.39-54.
- Brown, C.A. (2007). The Carolina Shaggers: Dance as Serious Leisure. *Journal of Leisure Research*, vol.39, n.4, p. 623-647.
- Burnett-Wolle, S. & Godbey, G. (2007). Refining research on older adults' leisure: implication of selection, optimization, and compensation and socioemotional selectivity theories. *Journal of Leisure Research*, 39(3), 498-513.
- Carù, A., & Cova, B. (2003) Revisiting Consumption Experience: a more humble but complete view of the concept. *Marketing Theory*, vol.3, n.2, p.267-286.
- Cole, C.; Laurent, G., Drolet, A.; Ebert, J.; Gutchess, A., Lambert-Pandraud, R.; Mullet, E., Norton, M., & Peters, E. Decision Making and Brand Choice by Older Consumers. *Marketing Letters*, vol.19, n.3/4, p.355-365, 2008.
- Conger, J.A. & Kanungo, R.N. (1988) The Empowerment Process: integrating theory and practice. *Academy of Management Review*, vol. 13, n.3, p.471-482.
- Corbin, J., & Strauss, A. (2008). *Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory* (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Doll, J. (2007). Educação, cultura e lazer: perspectivas de velhice bem-sucedida. In: A.L. Neri (org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na Terceira Idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; SESC (p.109-124).
- Deighton, J. (1992). The Consumption of Performance. *Journal of Consumer Research*, vol.19, p.362-372.
- Denzin, N.K.; & Lincoln, Y.S. (2000). Introduction: the Discipline and Practice of Qualitative Research. In: N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Ed.). *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage Publication, 2000.
- Devide, F. P.; & Votre, S.J. (2000). A representação social de nadadores másters campeões sobre a sua prática competitiva da natação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, vol. 21, p.56-64.
- Dionigi, R. (2006). Competitive sport as leisure in later life: negotiations, discourse, and aging. *Leisure Sciences*, n.28, p.181-196.
- Dionigi, R. A.; Horton, S.; & Baker, J. (2010). Seniors in Sport: The Experiences and Practices of Older World Masters Games Competitors. *The International Journal of Sport and Society*, vol.1, n.1.
- Dolan, A.; & Ayland, C. (2001). Analysis on trial. *International Journal of Market Research*, 43(4), 377-389.
- Elliott, R.; & Jankel-Elliott, N. (2003). Using Ethnography in Strategic Consumer Research. *Qualitative Market Research*, 6(4), 215-223.
- Fox, M.C.; Roscoe, A.M.; & Feigenbaum, A.M. (1984) A Longitudinal Analysis of Consumer Behavior in the Elderly Population. *Advances in Consumer Research*, 11, 563-568.
- Guerra, A. C. L. C.; & Caldas, C.P. (2010). Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15 (6), 2931-2940.
- Holbrook, M.B.; & Hirschman, E.C. (1982). The Experiential Aspects of Consumption: Consumer Fantasies, Feelings, and Fun. *Journal of Consumer Research*, p.132-140.

- Horneman, L., Carter, R.W., Wei, S., & Ruys, H. (2002). Profiling the senior traveler: an Australian Perspective. *Journal of Travel Research*, 41, 23-37.
- Jayanti, R.K., & Singh, J. (2010). Pragmatic Learning Theory: an inquiry-action framework for distributed consumer learning in online communities. *Journal of Consumer Research*, vol. 36, n.6, p. 1058-1081.
- Kelly, L. T. S. (2011). Atividades Física, Educativa e de Dança: um Estudo dos Valores Pessoais dos Consumidores Idosos. *Revista Brasileira de Marketing*, 10 (3), p. 24-45.
- Klaus, P.; & Maklan, S. (2011) Bridging the gap for destination extreme sports: A model of sports tourism customer experience. *Journal of Marketing Management*, 27(13-14), 1341-1365.
- Kohlbacher, F. (2006). The use of qualitative content analysis in case study research. *Forum: Qualitative Social Research*, 7(1).
- Kozinets, R.V.; Sherry Jr, J.F.; Storm, D.; Duhachek, A.; Nuttavuthisit, K.; & Deberry-Spence, B. (2004). Ludic Agency and Retail Spectacle. *Journal of Consumer Research*, vol. 31, p.658-672.
- Lambert-Pandraud, R. & Laurent, G. (2010). Why do older consumers buy older brands? The role of attachment and declining innovativeness. *Journal of Marketing*, 74(5), 104–121.
- MacInnis, D. & Folkes, V. (2010). The disciplinary status of consumer behavior: a sociology of science perspective on key controversies. *Journal of Consumer Research*, 36, 899-914.
- McCracken, G. (2003). *Cultura e Consumo*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Menon, S.T. (2001) Employee Empowerment: an integrative psychological approach. *Applied Psychology: an international review*. 50 (1), p. 153-180.
- Muller, T. E. (1996). Baby Boomer Lifestyle Segments and the Imminence of Eight Trends. *New Zealand Journal of Business*, v. 18, p. 1-24.
- Myers, H. & Lumbers, M. (2008). Understanding older shoppers: a phenomenological investigation. *Journal of Consumer Marketing*, 25(5), 294-301.
- Nasco, S.A., & Hale D. (2009). Information Search for Home, Medical, and Financial Services by Mature Consumers. *Journal of Services Marketing*, 23 (4), p.226–235.
- Oliveira, R.C. (2006). Olhar, ouvir, escrever. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Ed. UNESP, p. 19-26.
- Patino, A., & Pitta, D.A. (2012) Social Media's Emerging Importance in Market Research. *Journal of Consumer Marketing*, vol. 29, n.3, p.233- 237.
- Perkins, D.D.; & Zimmerman, M.A. (1995) Empowerment Theory, Research and Application. *American Journal of Community Psychology*, vol.23, n.5, p. 569-578.
- Pettigrew, S.; Mizerski K.; & Donovan, R. (2005). The Three 'Big Issues' for Older Supermarket Shoppers. *Journal of Consumer Marketing*, vol. 22, n.6, p.306–312.
- Pine, B.J., & Gilmore, J.H. (1998) Welcome to the Experience Economy. *Havard Business Review*, July.
- Provonost, G. (2011). *Introdução à sociologia do lazer*. São Paulo: Senac.
- Ryu, J., & Heo, J. (2018). Relationships between leisure activities types and well-being in older adults. *Leisure Studies*, 37 (3), p.331-342.

- Searle, M.S., Mahon, M.J., Iso-Ahola, S.E., Sdrolias, H.A., & Van Dyck, J. (1998). Examining the long term effects of leisure education on a sense of independence and psychological well-being among the elderly. *Journal of Leisure Research*, 30(3), p.331-340.
- Rappaport, J. (1983). Studies in Empowerment: introduction to the issue. *Prevention in Human Services*, 3 (3), p. 1-7.
- Schmitt, B.; Brakus, J. J.; & Zarantonello, L. (2014). From experiential psychology to consumer experience. *Journal of Consumer Psychology*, 25 (1), pp. 166-171.
- Schmitt, B. H., Brakus, J., & Zarantonello, L. (2015). The current state and future of brand experience. *Journal of Brand Management*, 21 (9), pp. 727-733.
- Schwiebert, V.L. (1994). Empowerment: an Approach to Maintaining Dignity and... *Journal of Humanistic Education & Development*, 32 (3), p.112 -120.
- Solomon, M.R. *Comportamento do consumidor. Comprando, possuindo e sendo*. 9ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- Thomas; K.W.; & Velthouse, B.A. (1990). Cognitive Elements of Empowerment: an “interpretive” model of intrinsic task motivation. *Academy of Management Review*, 15, p.666-681.
- Thompson, C.J. (1997). Interpreting Consumers: A Hermeneutical Framework for Deriving Marketing Insights from the Texts of Consumers’ Consumption Stories. *Journal of Marketing Research*, 34(1). 438-455.
- Thompson, C.J.; & Üstüner, T. (2015). Women Skating on the Edge: Marketplace Performances as Ideological Edgework. *Journal of Consumer Research*, vol. 1, p. 1-31.
- Tumbat, G. & Belk, R.W. (2011) Marketplace Tensions in Extraordinary Experiences, *Journal of Consumer Research*, vol. 38, Issue 1,1, p.42–61.
- Üstüner, T.; & Thompson, C.J. (2012). How Marketplace Performances Produce Interdependent Status Games and Contested Forms of Symbolic Capital. *Journal of Consumer Research*, vol.38, p.796-814.
- Vargo, S. L., & Lusch, R. F. (2004). Evolving to a new dominant logic for marketing. *Journal of marketing*, 68(1), 1-17.
- Warbuton, E.C. (2011). Of Meanings and Movements: Re-Languaging Embodiment in Dance Phenomenology and Cognition. *Dance Research Journal*, vol.43, n.2, 2011.
- Williams, P.; & Drolet, A. (2005). Age-Related Differences in Responses to Emotional Advertisements. *Journal of Consumer Research*, vol.32, n.3, p.343–354.
- Yuksel, M.; Milne, G.R; & Miller, E.G. (2016). Social media as complementary consumption: the relationship between consumer empowerment and social interactions in experiential and informative contexts. *Journal of Consumer Marketing*, 33 (2), pp.111-123.
- Zeithman, V. A., Bitner, M., & Gremler, D.D. (2009). *Services Marketing: Integrating Customer Focus Across the Firm*. McGraw-Hill. New York.